

## As três ciências teoréticas em Aristóteles: uma leitura da *Metafísica E*, 1-2 e *N*, 2-3

*Ao Professor António Meireles*

### 1. Introdução

Neste 1º colóquio da Sociedade Portuguesa de Filosofia Medieval, consagrado ao tema *Idade Média e Filosofia*, propus-me falar de Aristóteles, em especial do livro E, capítulo 1 da *Metafísica*, que aflora, de modo essencial, as três ciências teoréticas por excelência<sup>1</sup>.

As razões que me levaram a tal escolha, prendem-se com o interesse que mantenho por Aristóteles e, principalmente, porque Aristóteles não deixa de ser

---

\* Universidade Católica Portuguesa - Centro Regional do Porto.

<sup>1</sup> Propus-me tratar desta matéria e tomei conhecimento, posteriormente, que alguns estudos abordavam esta questão, exclusivamente, em Tomás de Aquino, em particular, a partir do *super boetium de trinitate*. Contudo, a maior parte desses estudos não os pude consultar, pois só os consegui obter muito recentemente. Desta forma, este trabalho não pode incluir estas leituras. Damos, em seguida, essas referências: S. R. M. GELONCH, *Separatio y objeto de la metafísica. Una interpretación textual del super boetium de trinitate, Q. 5 de Santo Tomas de Aquino*, EUNSA, Pamplona 2002. D. BURREL, «Classification, Mathematics, and Metaphysics. A Commentary on St. Thomas Aquina's Exposition on Boethius' On the Trinity», *The Modern Schoolman* 44 (1966) 13-34. A. MANSION, «Études Aristotéliennes. Métaphysique et théologie» (textes repris dont la majorité sont introuvables) in *L'objet de la science philosophique suprême d'après Aristote, Métaphysique, E, 1*, Vrin, Paris 1985, pp. 151-170. L.-B. GEIGER, «Abstraction et séparation d'après Thomas in de trinitate, q. 5, a. 3», *Revue des sciences philosophiques et théologiques* (1947) 3-40; C. LAFLEUR, «Abstraction, séparation et tripartition de la philosophie théorique: quelques éléments de l'arrière-fond farabien et artien de Thomas d'Aquin, "Super boetium de trinitate"», question 5, article 3», *Recherches de théologie et philosophie anciennes* 65/2 (1998) 248-271.

um dos autores gregos mais importantes para a Idade Média. Ao contrário do que alguns pensam na modernidade, considero que tratar de Aristóteles e, em particular, da sua especulação metafísica, não é um trabalho meramente arqueológico e ultrapassado, pois a reflexão aristotélica é *ab initio* um trabalho inacabado e, para além disso, é um estudo que exige sempre a re-invenção da filosofia e por isso do acto de filosofar. Com efeito, a verdade histórica poderá confirmar isto mesmo, antes que a verdade metafísica venha ao de cima.

Aristóteles, quando inaugura a «existência de uma tal ciência», ou seja, a que será denominada por Andronico de Rodes por ‘Metafísica’, traduzia, na realidade, uma especulação bastante invulgar, pelo menos, para os contemporâneos do Estagirita. Segundo P. Aubenque, a convicção aristotélica traduzia o propósito mais veemente, na procura de uma ciência que tinha como objectivo principal atingir as verdades mais essenciais sobre a realidade existente e sobre a realidade mais inefável. Mas esta convicção, na vida de Aristóteles, foi mais um propósito a concretizar, do que um facto realizado para o estado de desenvolvimento teórico da época.

É claro, por isso, que, para os contemporâneos de Aristóteles e, posteriormente, para os sucessores da sua escola, esta nova ciência não era, de forma alguma, uma evidência. Ao contrário, ela foi-se tornando uma ‘evidência’, isto é, uma περιφανής<sup>2</sup>, ou, para utilizar as próprias expressões aristotélicas, ἔστι φανερόν<sup>3</sup>, e ἐναργής, que se entendem como aquilo que é visível e aquilo que é manifesto, expressões estas que, substancializadas, ainda se podem entender como a evidência ou a visibilidade; donde, a forma substantivada τὸ φανερόν e ainda a outra expressão aristotélica recorrente, ἡ ἐναργής. Na verdade, à medida que a sua obra é incessantemente comentada, a profundidade da sua especulação tornar-se-á evidente, em particular com o imenso labor dos medievais. No fundo da implicação desta não evidência com a posterior evidência vai-se desenvolver fortemente a especulação metafísica.

<sup>2</sup> Cf. Aristotle, *Topica*, VIII, 2, 158 a 1. Translation by E. S. FORSTER, Harvard University Press, London 1960, p. 692.

<sup>3</sup> Encontramos, quer na *Metafísica*, E, 1,1026 a 5-10, quer na *Ética a Nicómaco*, I, 4, 1095 a 22, a expressão φανερόν, usada quer como adjectivo quer como substantivo. Encontramos igualmente o advérbio, φανερώς.

## 2. Questões de método, ou questões de *disputatio*<sup>4</sup>

A filosofia, ou melhor dizendo, a *sophia*, da qual fala Aristóteles é simultaneamente, uma ἔξις ἀποδεικτική, isto é, a ciência enquanto modo apodíctico, que trata dos primeiros princípios e das primeiras causas, como também, a ciência mais nobre e, por isso mesmo, «a mais divina das ciências» θειοτάτη καὶ τιμιωτάτη<sup>5</sup>. Ao seu exercício compete, diz Aristóteles:

«Com efeito, a mais divina das ciências é também a mais nobre; e ela só é de duas maneiras a mais divina, pois, uma ciência divina é, por sua vez, aquela que Deus possuiria, de preferência, e que trataria das coisas divinas. Ora, a ciência de que nós falamos é, a única a apresentar esta dupla característica: por um lado, na opinião corrente, Deus é a causa e princípio de todas as coisas por outro, uma tal ciência, só Deus, ou, pelo menos, Deus, principalmente, pode possuí-la. Todas as outras ciências são mais necessárias do que ela, mas, nenhuma a ultrapassa em excelência»<sup>6</sup>.

Mas, na verdade, o projecto metafísico de Aristóteles, apesar da excelência da ciência procurada, está marcado por uma especulação aporética, quanto ao “objecto” e método desta ciência. Poderemos mesmo dizer que se, realmente, a origem da filosofia está marcada pelo seu espanto (θυαμάζειν) não é menos certo também que este mesmo ‘assombramento’ é acompanhado da aporia. A aporia torna-se assim o correlato do espanto na especulação metafísica<sup>7</sup>.

Com efeito, a noção de aporia aparece logo nos primeiros livros da metafísica e específica, de imediato, o modo como Aristóteles procura determinar o âmbito desta ciência continuamente procurada e da sua investigação sobre *o que é o ser*, como sendo algumas das questões que permanecem eternamente aporéticas<sup>8</sup>. Por exemplo, no final do capítulo 3 do livro α, Aristóteles investiga, interrogando-se qual é o método «da ciência que é objecto de investigação (τὴν ἐπιστήμην

<sup>4</sup> Μέθοδος significa, por sua vez quer, a *disputatio* quer a *disquisitio*. Cf. *Métaphysique*, A, 2, 983 a 20. Traduction de J. TRICOT. Vrin, Paris, nota n° 1, p. 21.

<sup>5</sup> Aristote, *Métaphysique*, A, 1, 981 b 25. Doravante seguiremos sempre a tradução de Tricot. Todavia, seguiremos, sempre que necessário, e cotejando com o texto grego, a edição de Herman BONITZ, *Aristotelis Metaphysica*. Ad Marcus, Bonnae, 1848 e ainda a edição inglesa, Aristotle, *The Metaphysics*, Books I-IX. Translation by Hugh TREDENICK. Harvard University Press, London, Cambridge Massachusetts 1961.

<sup>6</sup> Aristote, *Métaphysique*, A, 2, 983 a 5, p. 19. Cf. *Aristotelis Metaphysica*, ed. H. Bonitz, p. 8

<sup>7</sup> Aristote, *Métaphysique*, A, 2, 982 b 12, p. 16. Cf. *Aristotelis Metaphysica*, ed. H. Bonitz, p. 7.

<sup>8</sup> Cf. P. AUBENQUE, *Le problème de l'être chez Aristote*, Quadrige/Presses Universitaires de France, Paris 1991, p. 15.

ζητοῦμεν τῆ)»<sup>9</sup>, e que no início do livro B, Aristóteles retoma para resolver todas as aporias, todas as dificuldades, que são objecto de dúvida, relativamente à ciência procurada, para daí indagar todos os problemas que dela resultam. Na verdade, é o próprio Aristóteles que afirma no livro M, quando está a tratar das entidades matemáticas, que o livro B é aquele onde se enumeram as aporias<sup>10</sup>. A indagação aporética é o campo específico da metafísica e da especulação sobre o ser e caracteriza precisamente o terreno da *disputatio* ou da *disquisitio*.

B, 1, 995 a 25

«É necessário, relativamente à ciência que procuramos, examinar, em primeiro lugar, as dificuldades que serão preciso discutir».

Ed. Bonitz

Ἀνάγκη πρὸς τὴν ἐπιζητούμενην ἐπιστήμην ἐπελθεῖν ἡμᾶς πρῶτον περὶ ὧν ἀπορήσῃαι δεῖ πρῶτον.

Está subjacente a esta investigação uma ‘procura’ que pretende resolver e solucionar todas as antinomias, todos os antitemas que só a esta ciência caberá solucionar. O léxico usado por Aristóteles é sintomático de uma investigação séria e científica sobre a ciência que se vai construindo. Aristóteles emprega, frequentemente, o verbo ζητέω, donde, a ideia de investigação e de procura, isto é, de uma ζήτησις. Está implícito a este amplo conjunto de questionamento saber qual o objecto específico desta ciência mas, igualmente, o de saber, qual o seu método. É, por este motivo, que o livro B é considerado como aquele que expõe de forma diaporemática as diversas questões, em torno do objecto e métodos desta ciência que incessantemente Aristóteles enuncia como ‘a ciência que é procurada’. No capítulo 1 do livro B, Aristóteles enuncia as dificuldades que devem ser resolvidas. Na verdade, o verbo διαπορέω, que significa, precisamente, procurar o seu caminho por entre as dificuldades, ficar perplexo, perguntar-se, é, de facto, empregue várias vezes, para exprimir o sentido da investigação. A aporia (ἀπορία) ou ainda o aporema (ἀπόρημα), sendo esta expressão mais rara no contexto da metafísica, significam a apresentação, em cada problema surgido, de uma tese e de uma antítese, que, expostas de forma raciocinada, representam a resolução de um problema. Nos Tópicos, Aristóteles afirma que o ‘aporema’ é definido como

<sup>9</sup> Aristote, *Métaphysique*, A, 2 982 a 5, p. 12. Cf. *Aristotelis Metaphysica*, ed. H. BONITZ, p. 6.

<sup>10</sup> Aristote, *Métaphysique*, M, 2, 1076 a 35- 1076 b 1, p. 718. Cf. *Aristotelis Metaphysica*, ed. H. BONITZ, p. 236.

um «raciocínio dialéctico de contradição»<sup>11</sup>. Na verdade, quando se desenvolve uma aporia, o sentido é-nos dado pelo verbo *diaporein* que reforça o sentido do verbo *aporein*, ao significar a exposição de argumentos com sentidos opostos.

A *euporia* (εὐπορία), donde o verbo *euporein*, significa, ao contrário, encontrar uma boa solução, ou seja, descobrir. Por isso mesmo, encontramos várias vezes a conjugação destes verbos, *aporein*, *diaporein* e *euporein*, e em particular, este último, quer no início, quer no final do capítulo um do livro B, para nos explicar que, apesar das dificuldades, devemos procurar encontrar uma boa solução. Na verdade, resolver uma aporia significa desenvolver e avaliar o problema em questão. Por isso, declara Aristóteles que «a solução da aporia é a descoberta»<sup>12</sup>. Em tom conclusivo, Aristóteles afirma, igualmente, no livro B: «Sobre todos estes pontos não somente é difícil descobrir a verdade (τὸ εὐπορήσαι της ἀληθείας), como também é difícil discriminar, convenientemente, todas as dificuldades»<sup>13</sup>

Com efeito, já na parte conclusiva do livro anterior, o livro α, Aristóteles tece algumas considerações sobre qual o método que deverá ser utilizado na metafísica. O método matemático não pode ser aplicado a esta ciência, pois, a matemática trata dos seres imateriais. Vamos dar vários exemplos para justificar a *disputatio* e a *quaesitio* neste projecto metafísico.

α, 3, 995 a 15

«O método matemático não deve ser aplicado a tudo mas somente aos seres imateriais. Além disso, o método matemático não se pode aplicar à física, pois toda a natureza contém verdadeiramente a matéria. Por isso, devemos, antes de tudo, saber o que é a natureza, de forma a vermos de que trata a física».

Τὴν δ' ἀκριβολογίαν τὴν μαθηματικὴν οὐκ ἐν ἅπασιν ἀπαιτητέον, ἀλλ' ἐν τοῖς μὴ ἔχουσιν ὕλην. διόπερ οὐ φυσικὸς ὁ τρόπος ἅπασα γὰρ ἴσως ἡ φύσις ἔχει ὕλην. διὸ σκεπτέον πρῶτον τί ἐστὶν ἡ φύσις. οὕτω γὰρ καὶ περὶ τίνων ἡ φυσικὴ δῆλον ἔσται.

<sup>11</sup> Aristote, *Organon, Les Topiques*, VIII, 11, 162 a 17, p. 355. Nouvelle traduction et notes par J. TRICOT, Librairie philosophique J. Vrin, Paris, p. 355.

<sup>12</sup> *Aristotelis Ethica Nicomachea*, ed., I. BYWATER, E. Typographeo Clarendoniano, Oxonii 1890, VII, 4, 1146 b 7, p. 133. Cf. *Ética a Nicómaco*, VII, 4, 1146 b 7, tradução do grego e notas de A. CAEIRO, Quetzal Editores Lisboa 2004, p. 156.

<sup>13</sup> Aristotle, *The Metaphysics*, III, 1, 996 a 15, op. cit., p. 102:

«περὶ γὰρ τούτων ἀπάντων οὐ μόνον χαλεπὸν τὸ εὐπορήσαι τῆς ἀληθείας, ἀλλ' οὐδὲ τὸ διαπορήσαι τῷ λόγῳ ρᾶδιον καλῶς». Também em Platão, na *República* aparece a expressão εὐπόροσ, que significa encontrar uma passagem fácil. Para um desenvolvimento mais detalhado sobre este léxico e seus derivados, consulte-se a obra: *Aristote, traductions et études. Aporia dans la philosophie grecque. Dès origines à Aristote*. Travaux d'Études Aristotéliciennes de l'Université de Liège, édités par A. MOTTE et C. RUTTEN. Avec la collaboration de L. BAULOYE et A. LEFKA, Éditions Peeters, Louvain-la-Neuve 2001.

Voltemo-nos agora para o início do capítulo 1 do livro B, onde Aristóteles esclarece, de forma evidente, o sentido da ‘boa aporia’ nestes termos:

B, 1, 995 a 25 - 30

«É necessário, em virtude da ciência que nós procuramos, que comecemos por examinar os problemas que serão preciso discutir. Trata-se de alguns pontos a respeito dos quais, admitiram doutrinas distintas da nossa, ainda que nem tudo tenha ficado esclarecido. Ora bem, quando se quer resolver uma dificuldade, é útil explorar, em primeiro lugar, cuidadosamente em todos sentidos, pois a clareza a que chega posteriormente o pensamento, supõe a solução das dificuldades prévias, e é impossível desfazer uma dificuldade se não sabe como fazê-lo».

ανάγκη πρὸς τὴν ἐπιζητούμενην ἐπιστήμην ἐπελθεῖν ἡμᾶς πρῶτον περὶ ὧν ἀπορήσαι δεῖ πρῶτον ταῦτα δ’ ἐστὶν ὅσα τε περὶ αὐτῶν ἄλλως ὑπειλήφασί τινες, κἂν εἴ τι χωρὶς τούτων τυγχάνοι παρεωραμένον. ἔστι δὲ τοῖς εὐπορήσαι βουλομένοις προὔργου τὸ διαπορήσαι καλῶς. ἡ γὰρ ὕστερον εὐπορία λύσις τῶν πρότερον ἀπορονμένων ἐστὶ λύειν δ’ οὐκ ἔστιν ἀγνοοῦντας τὸν δεσμόν.

Como acabámos de ver, o método que Aristóteles propõe para a metafísica é o método diaporemático, ou dialéctico, o qual já tinha sido proposto por Platão e pelos sofistas<sup>14</sup>. Verificámos, no texto acima mencionado, em B, 1, 995 a 21 – b 3, a utilização dos três verbos no infinitivo do aoristo: ἀπορήσαι, εὐπορήσαι, διαπορήσαι, já referidos anteriormente e a importância que eles ocupam neste momento preciso da descrição metodológica aristotélica.

Aristóteles não submete à ciência metafísica o método matemático, na medida em que a matemática trata unicamente dos seres imateriais. Da mesma maneira, não poderá aplicar tão simplesmente o método silogístico, na medida em que este é específico da lógica. Na verdade, o método lógico do silogismo, que se fundamenta nas regras da demonstração silogística, não possui o mesmo alcance real que o método da demonstração dialéctica filosófica e analítica, pois ele considera que a dialéctica é aquela que revela as qualidades mais apropriadas para a ciência que trata dos primeiros princípios e das verdades que são anteriores. O mesmo afirma Tomás de Aquino no *Super boetium de trinitate* quando fala da lógica enquanto ciência que não está contida na divisão das ciências especulativas, na medida em que ela serve mais como um instrumento para a especulação<sup>15</sup>.

<sup>14</sup> Platão, *Sofista*, 253 d-e: «aquele que assim é capaz, discerne, em olhar penetrante, uma forma única desdobrada em todos os sentidos, através da pluralidade de todos e ligada à unidade, finalmente numerosas formas inteiramente isoladas e separadas, e assim sabe discernir os géneros (...). Ora, esse dom, o dom da dialéctica, não atribuirás a nenhum outro, acredito, senão àquele que filosofa».

<sup>15</sup> Sancti Thomae de Aquino, *Super boetium de trinitate*, Q. 5, a. 1, ad 2.

Podemos mesmo afirmar que Aristóteles procede na metafísica, a uma criteriosa investigação sobre o método da ciência do ser, que se revela ser a dialéctica e que possui os seus próprios meios de demonstração rigorosa, ainda que este se processe por meio de hesitações e de dúvidas. É por esta mesma razão que Aristóteles afirma nas *Refutações sofísticas*, que a «dialéctica é ao mesmo tempo uma crítica», ou seja, uma arte da examinação<sup>16</sup>. Esta crítica coloca-nos diante do problema embaraçante do real e das suas contradições. Por isso mesmo, o projecto da metafísica revela ser um projecto, em que se valoriza mais a estrutura aporética do que a estrutura dedutiva.

São Tomás, afirma igualmente a importância da dialéctica praticada na filosofia, que é distinta, quer da sofística, quer da dialéctica *tout court*. Embora a sofística e a dialéctica, possuam uma certa similitude com a filosofia são, porém, distintas dela. Enquanto que o sofista e o puro dialéctico procedem ao conhecimento das coisas através da probabilidade e da aparência das coisas, produzindo assim a opinião, a filosofia ao contrário, o seu método dialéctico deverá ser baseado no conhecimento válido das coisas existentes e por isso demonstrado cientificamente<sup>17</sup>. No livro G, 2, 1004 b 15 Aristóteles distingue a dialéctica e a sofística da filosofia. Quer a dialéctica quer a sofística podem abordar o mesmo tipo de objectos que a filosofia, mas nenhuma delas o compreende e o realiza positivamente, isto é, na sua natureza concreta e real, como acontece com a filosofia. Todavia, apesar desta distinção, a posição de Aristóteles relativamente à dialéctica e a sofística não é sempre a mesma.

<sup>16</sup> Aristote, *Les Réfutations sophistiques*, 11, 172 a 20. Nouvelle traduction et notes par J. TRICOT. Paris 1950, p.54. A expressão aristotélica é a seguinte: «ἡ δὲ διαλεκτικὴ ἐρωτητικὴ ἐστίν», Aristotle, *On sophistical refutations*, translation by E. S. FORSTER and D. J. FURLEY, William, Heinemann, Harvard University Press, 1955, p. 64.

<sup>17</sup> Sancti Thomae Aquinatis, in *Metaphysicam Aristotelis Commentaria*, Marietti, Taurini 1926, Lib. IV, lect. 4, n<sup>o</sup>s. 572, p. 193: «Hic ponit secundam rationem ad idem ostendendum, quae est per signum, quae talis est. Dialectici et sophistae induunt figuram eandem philosopho, quasi similitudinem cum eo habentes: sed dialectici et sophistae disputant de praedictis: ergo et philosophi est ea considerare. Ad manifestationem autem primae ostendit quomodo dialectica et sophistica cum philosophia habeant similitudinem, et in quo differunt ab ea»; *Ibidem*, n<sup>o</sup> 573, p. 193: «Conveniunt autem in hoc, quod dilectici est considerare de omnibus. Hoc autem esse non posset, nisi consideraret omnia secundum quod in aliquo uno conveniunt: quia unius scientiae unum subjectum est, et unius artis una est materia, circa quam operatur. Cum igitur omnes res non conveniant nisi in ente, manifestum est quod dialecticae materia est ens, et ea quae sunt entis, de quibus etiam philosophus considerat. Similiter etiam sophistica habet quamdam similitudinem philosophiae. Nam sophistica est «visa» sive apparens sapientia, non existens.

### 3. A exegese de E, 1, 1025 b 25 a 1026 a 5-25

Aristóteles designa a ciência do ‘ser enquanto tal’ como filosofia primeira (πρώτη φιλοσοφία). Porém, esta ‘filosofia primeira’ é também designada como a ciência divina (*teologiké epistémé*), na medida em que ela trata dos seres ‘divinos’, isto é, das substâncias separadas da matéria, que estão no topo desta hierarquia. A ciência que procura estudar a essência do ser necessário e dos seus atributos, coincidirá com a teologia, visto que a essência deste ser possui atributos divinos. Como diz e muito bem o medievalista, F. Van Steenberghe: «Para Aristóteles, o absoluto, no seu sistema, é uma ordem de realidades eternas e necessárias, coexistentes e subordinadas: esta mesma ordem compreende a hierarquia das substâncias separadas, as esferas celestes e a matéria sublunar com todas as suas espécies»<sup>18</sup>.

É no livro E que Aristóteles identifica a filosofia primeira e a teologia. Esta ciência é aquela que trata da substância imóvel e da substância suprasensível.

---

Quod autem habet apparentiam alicujus rei, oportet quod aliquam similitudinem cum illa habeat. Et ideo oportet quod eadem consideret philosophus, dialecticus et sophista.»; *Ibidem*, nº 574, p. 193-194: «Differunt autem abinvicem. Philosophus quidem a dialectico secundum potestatem. Nam majoris virtutis est consideratio philosophici quam consideratio dialectici. Philosophus enim de praedictis communibus procedit demonstrative. Et ideo ejus est habere scientiam de praedictis, et est cognoscitivus eorum per certitudinem. Nam certa cognitio sive scientia est effectus demonstrationis. Dialecticus autem circa omnia praedicta procedit ex probabilibus; unde non facit scientiam, sed quamdam, opinionem. Et hoc ideo est, quia ens est duplex: ens scilicet rationis et ens naturae. Ens autem rationis dicitur proprie de illis intentionibus, quas ratio advenit in rebus consideratis; sicut intentio generis, speciei et similium, quae quidem non inveniuntur in rerum natura, sed considerationem rationis consequuntur. Et hujusmodi, scilicet ens rationis, est proprie subjectum logicae. Hujusmodi autem intentiones intelligibiles, entibus naturae aequiparantur, eo quod omnia entia naturae sub consideratione ratione cadunt. Et ideo subjectum logicae ad omnia se extendit, de quibus ens naturae praedicatur. Unde concludit, quod subjectum logicae aequiparatur subjecto philosophiae, quod est ens naturae. Philosophus igitur ex principiis ipsius procedit ad probandum ea quae sunt consideranda circa hujusmodi communia accidentia entis. Dialecticus autem procedit ad ea consideranda ex intentionibus rationis, quae sunt extranea a natura rerum. Et ideo dicitur, quod dialecticae est tentativa, quia tentare proprium est ex principiis extraneis procedere».

A importância dada à arte retórica, concebida como *ars artium* pondo em destaque o valor de uma arte que está ao serviço de outras artes e que as valoriza como tal, está presente num outro texto de S. Tomás: *In Expositio libro Posteriorum*, I, 1. *Sancti Thomae de Aquino Opera omnia, Expositio Libri Posteriorum*, Cura et studio FRATRUM PRAEDICATORUM, J. Vrin, Paris 1989, pp. 3-9.

<sup>18</sup> F. Van STEENBERGHE, *Ontologia*, Publications Universitaires de Louvain/Éditions Béatrice-Nauwelaerts, Louvain/Paris 1966, pp. 16-17.

Por isso ela é anterior (πρωτέρα) a qualquer outra substância. Na verdade, a classificação das ciências teoréticas ou especulativas é dada por Aristóteles na *Ética a Nicómaco*, com particular atenção, no livro VI da *Ética*. Todavia, já Platão distinguia o saber especulativo em três ramos: a dialéctica, a física, e a moral<sup>19</sup>. O próprio Aristóteles, inspirando-se no seu mestre, apresenta esta mesma classificação nos *Tópicos*<sup>20</sup>.

Como sabemos esta tripartição das ciências especulativas, em particular a platónica, será bastante difundida no pensamento neoplatónico, nomeadamente nos primeiros autores patrístico-medievais, em particular, a ontologia agostiniana<sup>21</sup>. Não deixará, porém, em certos autores de ser reajustada com a tradição aristotélica.

As razões fundamentais que levam Aristóteles a determinar o âmbito das ciências teoréticas a estas três ciências está explicitamente definido numa passagem do livro E, 1, onde ele nos diz:

«Se não existisse outra substância senão aquelas que são constituídas pela natureza, a Física, seria a ciência primeira. Mas se existe uma substância imóvel, a ciência desta substância deve ser anterior e deve ser a Filosofia Primeira; ela é universal, por esta razão, porque é primeira; é também em relação a ela que se considera o ser enquanto ser, isto é, quer a sua essência e os atributos que lhe pertencem enquanto tal»<sup>22</sup>.

Através desta passagem Aristóteles esclarece, em que sentido, há necessidade de uma outra ciência que esteja para além do sensível. Na verdade, se não existisse

<sup>19</sup> Esta tradição platónica remonta a uma doxografia antiga, atribuída a Xenócrates. Cf. Sextus Empiricus, *Adv. Math.* VII, 16, Frg. 1, Heinze, in C. J. DE VOGEL, *Greek Philosophy. A Collection of texts with Notes and explanation*, vol. II. *Aristotle The Early Peripatetic school and the Early Academic*, E. J. Brill, Leiden 1960, p. 275:

«έντελελέστερον δέ παρά τούτους οί ειπόντες τής φιλοσοφίας τὸ μέν τι εἶναι φυσικὸν τὸ δὲ ἠθικὸν τὸ δὲ λογικόν».

Na verdade, é Albinus que atribui a Platão esta divisão da filosofia em três partes, na sua obra *Ἐπιτομή τῶν πλάτωνος δογμάτων*. Santo Agostinho, no *De Civitate Dei*, nos livros IV,27; VI, 5; VIII, 1 e XI, 25, apresenta esta tripartição da filosofia que ele foi buscar a Varrão na sua obra *Antiquitatum rerum divinarum* e a Scévola, célebre orador romano, muito elogiado por Cícero. É de referir igualmente Eusébio de Cesareia, que na sua obra *Praeparatio Evangelica*, XI, 3, 1,1 apresenta a mesma tripartição, atribuindo-a a Platão.

<sup>20</sup> Aristotle, *Topica*, I, 14, 105 b 20. p. 306.

<sup>21</sup> Consulte-se a este respeito o meu livro: M<sup>a</sup> M. Brito MARTINS, «L'herméneutique originaire d'Augustin en relation avec une ré-appropriation heideggerienne», *Medievalia* 13/14 (1998) 60-66.

<sup>22</sup> Aristote, *Métaphysique*, E, 1, 1026 a 25-30, p. 334. Cf. *Aristotelis metaphysica*, p. 114.

outra substância que não fosse constituída pela natureza, a física seria uma filosofia primeira. Ora, a existir uma substância imóvel, essa substância será anterior e, por isso, será ela que considera o ser enquanto ser. Só a *epistêmê theologiké* é a ciência do ser imóvel, pois só ela possui este atributo, consistindo na sua essência a entidade divina.

Esta ciência do ser enquanto ser é distinta, segundo Aristóteles, de duas outras ciências, a saber, a física e a matemática. Na verdade uma parte do livro E consiste em determinar o estatuto destas três ciências, no âmbito de uma investigação ontológica. A discussão sobre a ciência metafísica tem três coordenadas fundamentais; 1) questões relativas a esta ciência; 2) questões relativas às substâncias; 3) questões relativas aos princípios destas substâncias.

Aristóteles pretende demonstrar por um lado, se a filosofia primeira, ou teologia, é a ciência do ser em geral, e portanto da substância que trata dos primeiros princípios e das primeiras causas; por outro, a de saber que relação estabelecer entre esta filosofia primeira e os outros gêneros de ciências. Trata-se da questão da divisão da filosofia e dos diversos tipos de substâncias, ou seja de seres. Ora, segundo Aristóteles, existem tantas partes da filosofia quantos tipos de substâncias. Sendo assim, é lógico perguntar-se se existirá uma substância única capaz de levar à unidade os diversos saberes sobre estes seres.

«A filosofia tem exactamente tantas partes, quantas as substâncias; existe, portanto, necessariamente, por entre o número destas partes, uma filosofia primeira, e depois uma filosofia segunda. O ser e o Uno dividem-se, com efeito, imediatamente, em certos gêneros, e esta divisão implicará uma divisão correspondente das ciências: o filósofo é como o matemático, no sentido que se dá a esta palavra, porque existem também nas matemáticas partes, onde se distingue uma ciência primeira, uma ciência segunda e outras ciências derivadas»<sup>23</sup>.

É evidente, portanto, para Aristóteles que existe uma ciência única que estuda os seres enquanto seres e que preside universalmente aos diferentes gêneros de ciências. Segundo a classificação estabelecida por Aristóteles no livro da *Ética*, e agora retomada na *Metafísica*, às ciências teóricas pertencem a matemática, a física e a teologia. A cada uma delas corresponde um gênero particular de ser. No sentido de esclarecermos qual a posição de Aristóteles relativamente a estas três ciências teóricas vejamos o que nos diz o texto. Vamos transcrever esta longa passagem, que merece uma real atenção:

---

<sup>23</sup> Aristote, *Métaphysique*, G, 2, 1004 a 5, p. 182; Cf. *Aristotelis metaphysica*, pp. 59-60.

E, 1, 1025 b 25 – 1026 a 5 - 25

«Por consequência se todo o pensamento sendo ou prático ou poético ou teórico, a Física só poderia ser uma ciência teórica, mas teórica desta espécie de ser que é susceptível de movimento e teórica da substância e o mais frequentemente, da substância formal mas não separada da matéria. Não devemos deixar de considerar o modo de existência da quiddidade e da definição, porque sem este conhecimento, toda a investigação permanecerá vazia. (...)

Que a física seja portanto uma ciência teórica, aquilo que precede faz vê-lo claramente. A matemática também o é; mas que ela seja a ciência dos seres imóveis e separados está longe de ser evidente. O que é evidente é que certos ramos das matemáticas estudam os seres enquanto imóveis e enquanto separados. Mas se existe algo de eterno, de imóvel e de separado, é manifestamente a uma ciência teórica que pertence o conhecimento.

Todavia esta ciência nem é a física (pois a física tem por objecto certos seres em movimento) nem a matemática, mas uma ciência anterior a uma e a outra. Com efeito, a física estuda os seres separados mas não imóveis e alguns ramos das matemáticas estudam os seres imóveis, é verdade, mas provavelmente inseparáveis da matéria e como que implicados nela. Ao contrário, a ciência primeira tem por objecto os seres por sua vez separados e imóveis. Mas todas as primeiras causas são necessariamente eternas e sobretudo as causas imóveis e separadas porque elas são as causas daquilo que por entre as coisas divinas, nos é acessível. Por conseguinte, existirá três filosofias teóricas: a matemática, a física e a teologia (pois é óbvio que se o divino existe nalgum lugar, existe nesta espécie de natureza – imóvel e separada) – e por isso, a ciência mais nobre deve ter por objecto o género mais elevado. Assim, as ciências teóricas são mais dignas que as outras ciências e a teologia a mais nobre das ciências teóricas».

ὄστε εἰ πάντα διάνοια ἢ πρακτικὴ ἢ ποιητικὴ ἢ θεωρητικὴ, ἢ φυσικὴ θεωρητικὴ τις ἂν εἴη, ἀλλὰ θεωρητικὴ περὶ τοιούτων ὃν ὅ ἐστι δυνατόν κινεῖσθαι, καὶ περὶ οὐσίαν τὴν κατὰ τὸν λόγον ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ ὡς οὐ χωριστὴν μόνον. δεῖ δὲ τὸ τί ἦν εἶναι καὶ τὸν λόγον πῶς ἐστὶ μὴ λανθάνειν, ὡς ἄνευ γε τούτου τὸ ζητεῖν μηθέν ἐστὶ ποιεῖν (...)

ὅτι μὲν οὖν ἡ φυσικὴ θεωρητικὴ τίς ἐστι φανερόν ἐκ τούτων ἀλλ' ἐστὶ καὶ ἡ μαθηματικὴ θεωρητικὴ. ἀλλ' εἰ ἀκίνητων καὶ χωριστῶν ἐστὶ, νῦν ἄδηλον, ὅτι μέντοι ἔνια μαθήματα ἢ ἀκίνητα καὶ ἢ χωριστὰ θεωρεῖ ἢ χωριστὰ θεωρεῖ, δῆλον. εἰ δὲ ἐστὶν αἰδίων καὶ ἀκίνητον καὶ χωριστόν, φανερόν ὅτι θεωρητικῆς τὸ γινώμαι.

οὐ μέντοι φυσικῆς γε (περὶ κινήτων γάρ τινας ἢ φυσικῆς), οὐδὲ μαθηματικῆς, ἀλλὰ προτέρας ἀμφοῖν. ἢ μὲν γὰρ φυσικὴ περὶ χωριστὰ μὲν ἀλλ' οὐκ ἀκίνητα, τῆς δὲ μαθηματικῆς ἔνια περὶ ἀκίνητα μὲν οὐ χωριστὰ δ' ἴσως, ἀλλ' ὡς ἐν ὕλη. ἢ δε πρώτη καὶ περὶ χωριστὰ καὶ ἀκίνητα. ἀνάγκη δὲ πάντα μὲν τὰ αἷτια αἰδία εἶναι, μάλιστα δὲ ταῦτα. ταῦτα γὰρ αἷτια τοῖς φανεροῖς τῶν θείων. ὥστε τρεῖς ἂν εἴεν φιλοσοφίαι θεωρητικαί, μαθηματικὴ, φυσικὴ, θεολογικὴ (οὐ γὰρ ἄδηλον ὅτι εἴ που τὸ θεῖον ὑπάρχει, ἐν τῇ τριαύτῃ φύσει ὑπαρραχει), καὶ τῆν τιμωταατην δεῖ περὶ τὸ τιμώτατον γένος εἶναι. Αἰ μὲν οὖν θεωρητικαὶ τῶν ἄλλων ἐπιστημῶν αἰρετώτεραι αὐτῆ δὲ τῶν θεωρητικῶν.

Como vemos através desta longa passagem, Aristóteles, especifica cada uma das ciências teóricas. Falemos, pois, em primeiro lugar da física. Na verdade, em 1025 b 25 Aristóteles diz que «a física trata da substância, isto é da substância formal mas não separada da matéria» (Θεωρητικὴ περὶ τοιοῦτον ὄν ὃ ἐστὶ δυνατὸν κινεῖσθαι, καὶ περὶ οὐσίαν τὴν κα α τὸν λόγον (...) οὐ χωριστὴν μόνον).

A matemática, por sua vez, é definida como teórica, embora, certos ramos da matemática, tratem dos seres imóveis e separados. Temos então o seguinte quadro:

**1025 b 25 – 1026 a 5**

Física	Seres não separados	Móveis
Matemática	Seres separados	Imóveis

Todavia, logo na sequência do texto, em 1026 a 10-15, como veremos a seguir, Aristóteles considera que a física comparada com a matemática, estuda os seres separados (χωριστά) mas não imóveis, isto é, móveis. Por que razão esta alteração? Na verdade a física ora é definida como o género de ciência que é não-separada da matéria (οὐς-χωριστήν), ora que é separada (χωριστά) da matéria. As dificuldades que se prendem com esta passagem, devem-se, antes de mais, à exegese do próprio texto. Há quem considere que o texto aristotélico, nesta última parte, em 1026 a 10-15, que afirma:

ἢ μὲν γὰρ φυσικὴ περὶ χωριστὰ μὲν ἀλλ' οὐκ ἀκίνητα

(a física trata dos seres separados mas não imóveis), onde se lê χωριστά, dever ser lido ἄ-χώριστα, pois assim mantém-se a coerência da tese de Aristóteles, quando compara a física com a matemática, tratando esta última dos seres imóveis mas inseparáveis da matéria<sup>24</sup>. Ora, ao não aceitar-se esta correção, poderíamos pensar que Aristóteles contradiz a sua tese inicial, pronunciada em 1025 b de que a física trata dos seres inseparáveis da matéria mas móvel, enquanto que a matemática dos seres imóveis mas separados da matéria, quando agora em 1026

<sup>24</sup> Aristóteles vai, no entanto, deixar a questão do estatuto das matemáticas em suspenso. Aristóteles distingue as matemáticas puras (ἔνια μαθήματα) das matemáticas aplicadas, como sejam a Óptica, a Harmonia e a Astronomia, que estudam os objectos imóveis mas implicados na matéria. Esta mesma questão será retomada nos livros M e N.

a 10-15, fala da física enquanto seres separados e a matemática de seres não separados. Temos, então, agora, o seguinte quadro:

**E, 1, 1026 a 10-15**

Física	Seres separados	Não imóveis
Matemática	Seres não separados	Imóveis
Teologia	Seres separados	Imóveis

Por esta razão alguns intérpretes de Aristóteles pretendem corrigir o texto, apoiando-se para isso, na ideia segundo a qual, Aristóteles pretende, em ambos os casos, distinguir a física da matemática e para manter a coerência deve-se-á efectuar uma correcção do termo ἀχώριστα em χωριστά, tendo em vista a distinção entre a física e a matemática<sup>25</sup>. Pela nossa parte julgamos que, embora não possamos dar aqui uma resposta definitiva à dificuldade levantada na interpretação do texto aristotélico, não se justifica plenamente esta correcção, na medida em que Aristóteles declara em K 7, que a física terá que ser entendida, não só comparando-a com a matemática mas, com a ciência do ser e portanto, com a ciência primeira. Ora, sendo assim, o estatuto da física terá forçosamente que adquirir um estatuto que lhe permita, por um lado, ser separada da matéria e por outro não separada da matéria, pois, sendo a física uma filosofia segunda ela deverá incluir, quer o que é separado da matéria, quer o que não é abstraído da matéria. Ora toda a ciência natural diz respeito à matéria e ao movimento. Sendo assim, Aristóteles enuncia uma forma de responder ao dilema, dizendo:

«Visto que existe, por outro lado, uma ciência do ser enquanto ser e separado, devemos examinar se é preciso, no fim de contas, admitir que esta ciência é a mesma que a física ou se ela não é antes diferente. A física trata dos seres que possuem neles mesmos um princípio de movimento; por outro lado, a matemática é uma ciência teórica e que trata dos seres imutáveis mas não separados»<sup>26</sup>.

<sup>25</sup> P. AUBENQUE, *Le problème de l'être chez Aristote*, op. cit., p. 36, enuncia duas linhas de interpretação do livro E, 1: tendo em conta ao grau de incerteza que os editores têm na leitura destas passagens de Aristóteles a respeito do objecto da física. O primeiro grupo lê precisamente em 1026 a 15, seres não separados, tendo em conta a interpretação do Pseudo-Alexandre, e alguns manuscritos. Estes intérpretes são: Bekker, Bonitz, Apelt, D. R. Cousin, P. Gohke e J. Owens. O segundo grupo, corrige ἀχώριστα em χωριστά; e estes são: Schwegler, Christ, Jaeger, Ross, Cherniss e Merlan.

<sup>26</sup> Aristote, *Métaphysique*, K, 7, 1064 a 25-30, p. 607. Cf. *Aristotelis Metaphysica*, ed. BONITZ, p. 206.

Uma vez mais, Aristóteles atribui à física o facto de ela ser separada da matéria, coisa que a distingue da matemática. Ora, ainda que a filosofia primeira não se identifique com a física, não deixa esta, porém, de possuir um atributo semelhante ao da ciência primeira: a separação, pois, Aristóteles reforça neste contexto, a distinção entre a matemática e a física em função da separabilidade. Para reforçar esta ideia, Aristóteles, no livro N, capítulo 3, 1090 a 1-10, critica a tese platónico-pitagórica da existência de um número separado e substancial.

A interpretação de Tomás de Aquino não deixa margem para dúvidas quanto ao estatuto ambíguo da física, quando este afirma no *Super boetium de trinitate*:

«Por isso, o intelecto abstrai, universalmente, a partir da *materia signata* e das suas condições, mas na ciência natural já não o faz a partir da matéria comum; pois embora na ciência natural, a matéria não seja considerada senão em ordem à forma, também a forma subsiste anteriormente por consideração da natureza antes da matéria»<sup>27</sup>

Na verdade, a tradição medieval parece aliás, manter a primeira tese de Aristóteles, pronunciada em 1025 b de que a física trata dos seres não separados mas móveis. Lemos, por exemplo, em Boécio, que a física é uma ciência não abstracta, ἀνεπεξίρητος, isto é, inseparável, pois considera as formas dos corpos com a matéria, e, por isso mesmo, que não podem ser separados em acto dos corpos, visto os corpos existirem em movimento. Quanto à matemática, também ela é não abstracta da matéria mas, ao contrário da física, ela trata dos seres sem movimento<sup>28</sup>. O mesmo acontece com Tomás de Aquino no seu comentário *Super boetium de trinitate*, que afirma:

«Ora, admite-se que existem três partes nas ciências especulativas, a ciência física ou natural, a ciência matemática e a ciência divina ou teologia. Destas três ciências, a ciência natural, é aquela que existe no movimento e é não abstracta (*est in motu, inabstracta*) isto é, ocupa-se

---

<sup>27</sup> *Sancti Thomae de Aquino, Super boetium de trinitate*, Q. 5, a. 2, ad 2, p. 144: «Unde intellectus communiter abstrahit a materia signata et conditionibus eius, non autem a materia communi in scientia naturali; quamvis etiam in scientia naturali non consideretur materia nisi in ordine ad formam, unde etiam forma per prius est de consideratione naturalis quam materia».

<sup>28</sup> *Boethii Opera omnia, Quomodo trinitas unus deus ac non tres dii*, cap. II, Patrologia latina. vol. 64, Paris, c. 1250: «Nam cum tres sint speculativae partes, naturalis, in motu, inabstracta, ἀνεπεξίρητος, id est inseparabilis; considerat enim corporum formas cum materia, quae a corporibus actu separari non possunt, quae corpora in motu sunt, ut terra deorsum, ignis sursum fertur, habetque motum forma materiae conjuncta. Mathematica, sine motu, inabstracta: haec enim formas corporum speculatur sine materia ac per hoc sine motu; quae formae, cum in materia sint, ab ea separari non possunt».

das coisas que se movem e que não se separam da matéria. Ora diz-se (...) que tem movimento, pois a forma junta-se à matéria, de tal maneira que deve entender-se o próprio composto de matéria e forma, pois deste modo possui o movimento por si mesmo; ou é a própria forma existente na matéria como princípio do movimento. E por isso, ela considera as coisas que existem segundo a matéria e segundo o movimento. Em seguida expõe acerca das coisas que dizem respeito à matemática; a matemática é sem movimento, isto é, não diz respeito ao movimento e às coisas que se movem, razão pela qual difere da ciência natural; ela não é separada (*inabstracta*) isto é, considera as formas que segundo o seu ser não existem a partir da separação da matéria mas, ao qual convém com a natureza»<sup>29</sup>.

Como acabamos de ver, por esta passagem do comentário de S. Tomás, a diferença entre a física e a matemática reside essencialmente no facto de que a física trata dos seres materiais e em movimento, enquanto que a matemática trata dos seres que não possuem movimento e não são separados da matéria. Por isso, a única diferença reside no facto de que a primeira considera os seres com movimento e a segunda os seres que não estão em movimento. Ambas são, portanto, não-separadas e por isso *inabstractae*.

O problema para Aristóteles, relativamente à física, é de que ela possa tratar da substância material mas simultaneamente que ela possa definir do ponto de vista formal a substância material. Ora, tendo em conta este aspecto a física adquire um estatuto relativamente à matemática mais relevante, na medida em que ela determina a natureza da substância sensível enquanto composto (*σύνολον*) de matéria e forma. Sendo assim, a física adquire um estatuto mais elevado que a matemática, pois trata, quer da substância sensível, quer do composto indivisível, da forma e matéria, independentemente do tipo de substância sensível em causa. Sendo assim, a física diz respeito à substância que considera a forma imprimida na matéria, e por isso a física deverá poder tratar da substância formal enquanto

<sup>29</sup> *Sancti Thomae de Aquino, Super boetium de trinitate*, expositio capituli secundi, p. 134: «Nam cum tres sint partes speculative, scilicet philosophie, - hoc dicit ad differentiam ethice, que est activa sine practica -, in omnibus requiritur modus competens materie. Sunt autem tres partes predictae physica sive naturalis, mathematica, divina sive theologia. Cum, inquam sint tres partes, naturalis, que est una earum est in motu, inabstracta, id est versatur eius consideratio circa res mobiles a materia non abstractas. (...) Quod autem dicit habetque motum forma materie coniuncta sic intelligendum est: ipsum compositum ex materia et forma in quantum huiusmodi, habet motum sibi debitum; vel ipsa forma in materia existens est principium motus. Et ideo eadem est consideratio de rebus secundum quod sunt materiales et secundum quod sunt mobiles. Deinde exponit de quibus sit mathematica: mathematica est sine motu, id est sine motus et mobilium consideratione in quo differt a naturali; inabstracta, id est considerat formas que secundum esse suum non sunt a materia abstracte, in quo conuenit cum naturali».

esta está implicada na matéria. Denotamos, portanto, aqui uma outra linha de interpretação que distingue a física da matemática só pelo movimento: a física é não abstracta e trata dos seres em movimento, enquanto que a matemática trata dos seres sem movimento.

Temos assim, de forma conclusiva este quadro: a física, a substância dos seres separados mas móveis, a matemática a substância dos seres não separáveis mas imóveis; a teologia, a substância separada e imóvel, que é identificada com a filosofia primeira.

Podemos verificar, através do diagrama acima demonstrado, que só a teologia possui as duas características fundamentais: a ciência dos seres separados e imóveis.

Na verdade, a teologia, ou seja, a filosofia primeira é a ciência mais eminente, porque ela possui o género mais eminente e, por isso, ela é a ciência teorética por excelência. A teologia mantém, desta forma, uma relação de preeminência em relação às duas outras ciências, pois é a única que possui os dois atributos fundamentais: ela é por sua vez separada e imóvel. A teologia identifica-se assim com a filosofia primeira e neste sentido ela adquire o estatuto de justaposição relativamente à filosofia primeira, na medida em que, a ciência primeira e universal é aquela que trata da substância imóvel, e por isso, é anterior à substância sensível que é objecto da física, enquanto ciência dos seres móveis. O que falta à física para ser uma filosofia primeira é o facto de ser separada e de ser imóvel, ainda que contenha em si o princípio da sua mobilidade. O que falta à física para ser a filosofia primeira, e por isso do ser em geral, é o facto de que existe uma outra substância que não é da ordem do sensível e que, portanto, existe completamente separada da matéria. Ao contrário, à física pertencem quer os seres sensíveis corruptíveis, quer os seres sensíveis incorruptíveis, como é o caso dos corpos celestes. Quanto à matemática, ela ocupa um lugar intermediário, quer relativamente à física, quer relativamente à teologia. Aristóteles refere-se a este estatuto intermediário da matemática em várias passagens da *Metafísica*, nomeadamente no livro A, 987 b 15, 992, b 10, no livro B, 995 b 15, no livro E, 1026 a, no livro M, 1077 b 13.

Porém, a maneira como Aristóteles apresenta a determinação epistemológica de cada uma destas ciências não deixa de ser problemática. Na verdade, Aristóteles mantém uma ambiguidade relativamente à matemática, quando afirma que «as matemáticas estudam os seres imóveis, mas provavelmente, inseparados da matéria» (1026 a 15). Na verdade, os livros M e N da metafísica tentam retomar a difícil questão de saber qual o estatuto das entidades matemáticas relativamente às coisas sensíveis e, por isso, as entidades matemáticas não existem separadamente

nem são imóveis. Já no livro A, Aristóteles considera que as entidades matemáticas são verdadeiramente intermediárias, μετοξύ, na medida em que estão entre os seres sensíveis e os seres ideais. Mas este estatuto da matemática e das entidades matemáticas como entidades intermediárias, não será retomada pela tradição medieval de forma linear. Por exemplo em Hugo de S. Victor, no seu *Didascalicon* a divisão tradicional da filosofia especulativa, dividida em *theologia*, *mathematica* e *physica*, está ainda subordinada a uma distinção de origem boeciana que distingue o intelectível do inteligível e do natural. Só a teologia é da ordem do intelectível. Quanto à matemática, é da ordem do inteligível e a física da ordem natural<sup>30</sup>.

Na verdade, praticamente em todo o livro N da *Metafísica*, Aristóteles dedica-se a efectuar uma crítica à teoria dos números separados. Já no livro M, Aristóteles sustenta a ideia de que as entidades matemáticas são menos substâncias que os corpos e, inevitavelmente, menos que os seres eternos. Declara Aristóteles:

«Já tínhamos estabelecido anteriormente que as coisas matemáticas são menos substâncias que os corpos, que elas não são anteriores, na ordem da existência, às coisas sensíveis, que elas não têm sobre as coisas sensíveis senão uma anterioridade lógica e, enfim, que elas não podem de forma alguma existir separadamente»<sup>31</sup>.

Poderíamos, então, perguntar-nos qual a verdadeira razão de toda esta hesitação aristotélica quanto ao estatuto da física e da matemática no livro E que nem o livro M nem o livro N conseguirão dissipar? Na verdade, segundo Aristóteles, a matemática apresenta uma limitação muito grande: ela não trata dos seres existindo em estado separado e, por isso, não trata senão de elementos que constituem as propriedades sensíveis dos seres. A abstracção lógica dos elementos sensíveis, tais como a grandeza, a quantidade e a consequente divisibilidade não são senão formas vazias das coisas reais. Mas se esta determinação quantitativa da substância sensível feita através da abstracção (ἐξ ἀφαιρέσεως) lógica não garante à matemática o estatuto de realidade sensível, também não lhe garante, por outro lado, que as entidades matemáticas existam em estado separado do sensível.

<sup>30</sup> Hugonis de S. Victore, *Eruditionis Didascalicae*, II, 2, Pl.176, c. 752: «Theorica interpretatur speculativa; (...). Theorica dividitur in theologiam, mathematicam et physicam. Hanc divisionem Boethius facit aliis verbis: Theoricen secans in intellectibilem, et in intelligibilem, et naturalem : per intellectibilem significans theologiam; per intelligibilem mathematicam; per naturalem physicam».

<sup>31</sup> ARISTOTE, *Métaphysique*, M, 2, 1077 b 10-12, p. 726. Cf. *Aristotelis Metaphysica*, ed. BONITZ, p. 239.

Para Aristóteles a determinação dos atributos essenciais, como sejam a abstracção e a separação, são coisas distintas. A abstracção é exigida, quer para a física, quer para a matemática, embora cada uma exija uma abstracção distinta. Esta distinção é estabelecida por Tomás de Aquino da seguinte forma:

«Na operação do intelecto encontramos uma tripla distinção: a primeira operação do intelecto é aquela que compõe e divide; esta é chamada, separação, propriamente, e ela compete à ciência divina ou metafísica; a segunda operação é aquela segundo a qual as quiddidades são formadas a partir das coisas; é a abstracção da forma relativamente à matéria sensível e compete à matemática; a terceira é a operação que abstrai o universal do particular e esta compete à física e é comum a todas as ciências, pois em toda a ciência é negligenciado o que é por acidente e admitido o que é *per se*. E visto que alguns não compreenderam a diferença destas duas últimas operações, em relação à primeira, caíram no erro de aceitarem a matemática e as noções universais separadas das coisas sensíveis, como Pitágoras e os Platónicos»<sup>32</sup>.

Como vemos, para Tomás de Aquino, o erro desta ambiguidade, relativamente ao estatuto da física e da matemática, deve-se essencialmente à escola pitagórica e à escola platónica, mais do que propriamente a Aristóteles. É no fundo, por todas estas razões, complexas na história da filosofia e da sua longa tarefa de interpretação, que a ordem epistémica e ‘sapiencial’ das três ciências teóricas em Aristóteles foi e é, e continuará a ser importante, não só no tempo de Aristóteles, mas, ainda muito mais, diria eu, para os tempos de hoje.

---

<sup>32</sup> Sancti Thomae de Aquino, *Super Boetium de trinitate*, Q. 5. a. 3, resp., p. 149: «Sic ergo in operatione intellectus triplex distinctio inuenitur: una secundum operationem intellectus componentis et diuidentis, que separatio dicitur proprie, et hec competit scientie diuine siue metaphisice; alia secundum operationem qua formantur quidditates rerum, que est abstractio forme a mataria sensibili, et hec competit mathematice; tertia, secundum eandem operationem, uniuersalis a particulari, et hec competit etiam phisice et est communis omnibus scientiis, quia in omni scientia pretermittitur quod per accidens est et accipitur quod per se est. Et quia quidam non intellexerunt differentiam duarum ultimarum a prima, inciderunt in errorem ut ponerent mathematica et uniuersalia a sensibilibus separata, ut Pittagoras et Platonici».